



Em um tempo como o nosso — marcado pela confusão doutrinal, pela relativização da verdade e por uma fé muitas vezes diluída no mero emocional — torna-se quase profético voltar o olhar para uma prática que, embora hoje possa parecer distante, encerra uma força espiritual imensa: **o juramento antimodernista**.

Não foi uma simples fórmula nem um gesto disciplinar entre tantos outros. Foi, em essência, uma **declaração de guerra espiritual** contra uma das maiores crises internas que a Igreja já enfrentou. E talvez, se soubermos escutá-lo, também possa iluminar os desafios do nosso tempo.

---

## O que foi o juramento antimodernista?

O juramento antimodernista foi instituído em 1910 pelo Papa **São Pio X**, como resposta direta a uma corrente teológica conhecida como *modernismo*, que ele próprio definiu como **“a síntese de todas as heresias”**.

Esse juramento devia ser pronunciado por sacerdotes, bispos, professores de teologia e pregadores. Nele, comprometiam-se solenemente a:

- Defender a verdade objetiva da fé.
- Rejeitar interpretações subjetivistas da Escritura.
- Manter a fidelidade ao Magistério da Igreja.
- Opor-se a uma evolução doutrinal entendida como mudança essencial da verdade revelada.

Não era uma mera formalidade. Era uma **tomada de posição clara**: a fé não muda conforme os tempos; é o homem que deve converter-se à verdade eterna.

---

## O contexto: uma crise silenciosa, mas devastadora

No final do século XIX e início do século XX, muitos teólogos começaram a reinterpretar a fé a partir de pressupostos filosóficos modernos:

- A verdade já não era absoluta, mas relativa.



O juramento antimodernista que abalou a Igreja: uma promessa esquecida que hoje volta a interpelar-nos | 2

- A Revelação era reduzida a uma experiência interior.
- Os dogmas eram vistos como símbolos mutáveis.
- Cristo era interpretado mais como uma figura histórica do que como o Filho de Deus.

Essa abordagem, embora apresentada como uma “atualização”, na realidade corroía os próprios fundamentos do cristianismo.

São Pio X percebeu claramente o perigo: não se tratava de uma heresia visível e concreta, mas de uma **mentalidade que dissolvia a fé a partir de dentro**.

---

## Um ato de coragem doutrinal

O juramento antimodernista foi, portanto, um ato de coragem pastoral. Não pretendia impor medo, mas **proteger o depósito da fé**.

Nele afirmava-se claramente, por exemplo:

- Que Deus pode ser conhecido com certeza por meio da razão.
- Que os Evangelhos são historicamente fiáveis.
- Que os dogmas não evoluem na sua essência.
- Que a fé não é fruto do sentimento, mas adesão à verdade revelada.

Esse juramento recordava algo fundamental:

**a fé católica não é uma construção humana, mas um dom recebido.**

---

## Fundamento bíblico: fidelidade à verdade

O juramento antimodernista não foi uma invenção isolada. Está profundamente enraizado na Escritura.

São Paulo adverte com força:

“Virá o tempo em que os homens não suportarão a sã doutrina,



*mas, levados pelos seus próprios desejos, rodear-se-ão de mestres que lhes digam o que querem ouvir” (2 Timóteo 4,3).*

Não parece descrever o nosso tempo?

O próprio Cristo também declara:

*“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão” (Mateus 24,35).*

A verdade revelada não está sujeita a modas nem a maiorias. É eterna.

---

## Por que foi abolido?

O juramento antimodernista foi suprimido em 1967, no contexto posterior ao Concílio Vaticano II.

Isso não significa que a Igreja tenha renunciado à verdade, mas que procurou novas formas de diálogo com o mundo moderno. No entanto, muitos consideram que essa supressão coincidiu com um período de:

- Confusão doutrinal.
- Crise de vocações.
- Perda de identidade em alguns setores eclesiais.

Aqui surge uma pergunta incómoda, mas necessária:

**conseguimos manter o equilíbrio entre a abertura ao mundo e a fidelidade à verdade?**

---



## Relevância atual: precisamos hoje de um “novo juramento”?

Embora o juramento antimodernista já não seja formalmente exigido, o seu espírito é hoje mais necessário do que nunca.

Vivemos numa cultura em que:

- A verdade é subjetiva.
- A moral é relativa.
- A religião é reduzida ao sentimento.
- A fé adapta-se ao mundo em vez de o transformar.

Neste contexto, cada cristão é chamado a fazer, no seu coração, um “juramento silencioso”:

- Permanecer fiel ao ensinamento da Igreja.
- Procurar a verdade com humildade.
- Não se deixar arrastar por ideologias.
- Viver uma fé coerente, sem compromissos.

---

## Aplicações práticas para a vida espiritual

Este tema não é apenas histórico. Tem consequências concretas para a tua vida hoje.

### 1. Formar-se na fé

Não basta “sentir”. É necessário conhecer. Ler o Catecismo, estudar a Escritura, aprofundar a Tradição.

### 2. Amar a verdade, mesmo quando incomoda

A verdade não é sempre fácil, mas liberta sempre.

| *“A verdade vos libertará” (João 8,32).*



O juramento antimodernista que abalou a Igreja: uma promessa esquecida que hoje volta a interpelar-nos | 5

### 3. Discernir o que ouves

Nem tudo o que se apresenta como “católico” o é realmente. Aprende a distinguir.

### 4. Viver com coerência

O maior testemunho hoje não é a polémica, mas a santidade quotidiana.

### 5. Rezar pela Igreja

A crise não se resolve apenas com análise, mas com graça.

---

## Um apelo à fidelidade em tempos de confusão

O juramento antimodernista deixa-nos uma lição clara:

**a Igreja não precisa de se reinventar, mas de permanecer fiel a Cristo.**

Hoje, mais do que nunca, são necessários cristãos:

- Firmes na verdade.
- Humildes de coração.
- Corajosos no testemunho.
- Enraizados na tradição viva da Igreja.

Não se trata de nostalgia, mas de **fidelidade**.

---

## Conclusão: uma promessa que continua viva

Embora as palavras do juramento já não ressoem nos altares, o seu espírito continua a interpelar-nos.

Cada vez que escolhes a verdade em vez da comodidade,  
cada vez que defendes a fé com caridade,  
cada vez que permaneces fiel no meio da dúvida...



**estás a renovar, em silêncio, aquele juramento.**

E nesse gesto humilde, participas em algo imenso:  
a custódia da verdade que salva o mundo.

Eu, \_\_\_\_\_, firmemente abraço e aceito cada uma e todas as definições feitas e declaradas pela autoridade inerrante da Igreja, especialmente estas verdades principais que são diretamente opostas aos erros deste dia.

Antes de mais nada eu professo que Deus, a origem e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão a partir do mundo criado (Cf Rom. 1,90), ou seja, dos trabalhos visíveis da Criação, como uma causa a partir de seus efeitos, e que, portanto, Sua existência também pode ser demonstrada.

Segundo: eu aceito e reconheço as provas exteriores da revelação, ou seja, os atos divinos e especialmente os milagres e profecias como os sinais mais seguros da origem divina da Religião cristã e considero estas mesmas provas bem adaptadas à compreensão de todas as eras e de todos os homens, até mesmo os de agora.

Terceiro: eu acredito com fé igualmente firme que a Igreja, guardiã e mestra da Palavra Revelada, foi instituída pessoalmente pelo Cristo histórico e real quando Ele viveu entre nós, e que a Igreja foi construída sobre Pedro, o príncipe da hierarquia apostólica, e seus sucessores pela duração dos tempos.

Quarto: eu sinceramente mantenho que a Doutrina da Fé nos foi trazida desde os Apóstolos pelos Padres ortodoxos com exatamente o mesmo significado e sempre com o mesmo propósito. Assim sendo, eu rejeito inteiramente a falsa representação herética de que os dogmas evoluem e se modificam de um significado para outro diferente do que a Igreja antes manteve. Condeno também todo erro segundo o qual, no lugar do divino Depósito que foi confiado à esposa de Cristo para que ela o guardasse, há apenas uma invenção filosófica ou produto de consciência humana que foi gradualmente desenvolvida pelo esforço humano e continuará a se desenvolver indefinidamente.



Quinto: eu mantenho com certeza e confesso sinceramente que a Fé não é um sentimento cego de religião que se alevanta das profundezas do subconsciente pelo impulso do coração e pela moção da vontade treinada para a moralidade, mas um genuíno assentimento da inteligência com a Verdade recebida oralmente de uma fonte externa. Por este assentimento, devido à autoridade do Deus supremamente verdadeiro, acreditamos ser Verdade o que foi revelado e atestado por um Deus pessoal, nosso Criador e Senhor.

Além disso, com a devida reverência, eu me submeto e adiro com todo o meu coração às condenações, declarações e todas as proibições contidas na encíclica Pascendi e no decreto Lamentabili, especialmente as que dizem respeito ao que é conhecido como a história dos dogmas.

Também rejeito o erro daqueles que dizem que a Fé mantida pela Igreja pode contradizer a história, e que os dogmas católicos, no sentido em que são agora entendidos, são irreconciliáveis com uma visão mais realista das origens da Religião cristã.

Também condeno e rejeito a opinião dos que dizem que um cristão erudito assume uma dupla personalidade – a de um crente e ao mesmo tempo a de um historiador, como se fosse permissível a um historiador manter coisas que contradizem a Fé do crente, ou estabelecer premissas que, desde que não haja negação direta dos dogmas, levariam à conclusão de que os dogmas são falsos ou duvidosos.

Do mesmo modo, eu rejeito o método de julgar e interpretar a Sagrada Escritura que, afastando-se da Tradição da Igreja, da analogia da Fé e das normas da Sé Apostólica, abraça as falsas representações dos racionalistas e sem prudência ou restrição adota a crítica textual como norma única e suprema.

Além disso, eu rejeito a opinião dos que mantêm que um professor ensinando ou escrevendo sobre um assunto histórico-teológico deve antes colocar de lado qualquer opinião preconcebida sobre a origem sobrenatural da Tradição católica ou a promessa divina de ajudar a preservar para sempre toda a Verdade Revelada; e que ele deveria então interpretar os escritos dos Padres apenas por princípios científicos, excluindo toda autoridade sagrada, e com a mesma liberdade de julgamento que é comum na investigação de todos os



documentos históricos profanos.

Finalmente, declaro que sou completamente oposto ao erro dos modernistas, que mantêm nada haver de divino na Tradição sagrada; ou, o que é muito pior, dizer que há, mas em um sentido panteísta, com o resultado de nada restar a não ser este fato simples - a colocar no mesmo plano com os fatos comuns da história - o fato, precisamente, de que um grupo de homens, por seu próprio trabalho, talento e qualidades continuaram ao longo dos tempos subsequentes uma escola iniciada por Cristo e por Seus Apóstolos.

Prometo que mantereí todos estes artigos fielmente, inteiramente e sinceramente e os guardarei invioladas, sem me desviar em nenhuma maneira por palavras ou por escrito. Isto eu prometo, assim eu juro, para isso Deus me ajude, e os Santos Evangelhos de Deus que agora toco com minha mão.